Castelo Branco em Junho de 88

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Arquivo FCS | 01.304-01

Meu muito querido Artur Manuel:

Fiquei completamente paralizado quando li a última página do lindo catálogo que me enviou. Creio que nunca lhe poderei exprimir por palavras esse instante de grande felicidade, de orgulho e até de vaidade... Fiquei comovido, é tudo o que eu sei. Como lhe poderei agradecer? Se é que alguma vez se pode agradecer uma coisa assim...

Bem-haja do fundo do coração pela sua lindíssima lembrança!

Há muito tempo que ansio para lhe escrever uma longa carta. Mas acabo sempre por desistir com medo e vergonha de lhe escrever infantilidades. Cada vez que me lembro das primeiras cartas que lhe escrevi... até me dá vontade de me esconder...

Mas o importante, querido Cruzeiro, é que o Cruzeiro saiba que apesar do meu silêncio continuo sempre a admirá-lo como sempre o admirei: com toda a intensidade que me é possível!

Um grande, muito grande abraço

e mais uma vez obrigado do fundo do coração

Do seu sempre Gonçalo

Talvez o amor seja a chave da humanidade.
Mesmo inscrevendo-se
num tempo de espera ou de paixão impossível.
Talvez o amor, sonhar o amor, seja o que nos resta,
nesta já quase memória do apocalipse.
Talvez seja uma barreira contra a escuridão,
ele próprio ressuscitando das suas trevas.

Maria João Fernandes

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

NOITES SENSUAIS

ANTENA JÚNIOR

92.6
FM Estereo

Quartas-Feiras
das 22 ás 23 horas

um programa de GONÇALO SALVADO

Gráfica de S. José, Lda.-C. Branco

Para o Artur Manuel esta edição "pirata" mas feita com muito carinho
Com um grande abraço do seu Gonçalo

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Arquivo | FC
01.304.01

POEMA DO AMOR TOTAL

A melhor maneira de viajar é sentir tudo de todas as maneiras.

Fernando Pessoa

Chove. Deixa-te assim estar. Tranquila, calma, romântica, mergulhada em segredos de cristal. Gosto de te sentir calada contra o meu peito. Ouvir ternamente como respiras. Sentir o teu calor no meu rosto. Abandonar-me nos teus cabelos em prolongadas carícias como quem escreve uma carta de amor com os próprios dedos. Os estores estão corridos e lá fora a cidade dorme, o mundo dorme, o universo dorme.

Repara como só na noite somos na verdade livres. Nada nos prende a nada senão a nós mesmos. Com as luzes apagadas, o quarto é um barco de eternidade. Navegamos na escuridão ocultos, surreais, submersos, intemporais. É como se de repente atravessássemos todas as fronteiras e partíssemos para longe, para muito longe. Nada nos limita na noite. Nela, deixamos de ser tempo, espaço, época; para sermos carícia, beijo, afago. Sim, meu amor, ficamos nus. Profundamente nus na noite. E partimos. E navegamos para longe. Para muito longe. A caminho da unidade.

Viajar, para mim, não é sentir tudo de todas as maneiras. Mas sim sentir-te de todas as maneiras. Sentir-te excessivamente. A ti. Apenas a ti. Somente a ti. Que me importa a realidade exterior a ti? A pluralidade do universo lá de fora? Que sensação me poderá ele dar que não me dês tu? Que me poderá ele revelar que não me possa revelar o teu corpo, as tuas mãos, o azul lindo dos teus olhos? Nasci apenas para uma coisa: para descobrir a Verdade nos teus cabelos. Tudo o resto é falso e não vale nada.

Pobres daqueles que procuram a felicidade para além das estrelas, que olham o céu até terem a vista cansada e projectam grandes viagens cósmicas que nunca irão realizar. Pobres daqueles que abandonam os outros porque se acreditam únicos, que trocam ofélias por geniais arcas de poemas e julgam poder criar humanidades e eternidades sem acompanhar ninguém. Pobres daqueles que vadiam solitários, que procuram deuses no fundo ludoso dos rios e questionam o que não tem resposta e erram para sempre no deserto sem encontrar jamais o poço e passam a vida a falar da morte sem saber que falar da morte é já vivê-la...

Sim, meu amor; pobres daqueles que se enganam e não o sabem, que se iludem e ignoram que habitam a ilusão, que mentem e desconhecem a mentira; e só tomam consciência dela quando já estão velhos e só se arrependem de tudo quando já estão mortos.

Porque na vida não há senão dois caminhos: amarmos alguém ou nem chegarmos sequer a nascer. Mesmo que o amor seja também mortal: amarmos alguém. Mesmo que o amor se extinga e apague: amarmos alguém. Mesmo que não sejamos correspondidos: amarmos alguém. Mesmo que o amor seja apenas um sonho: amarmos alguém. Mesmo que o amor seja somente uma invenção: amarmos alguém. Amarmos desesperadamente até à loucura. Amarmos intensamente até à exaustão. Amarmos ardentemente até à nossa própria combustão. Que me importa o efémero perante o teu sorriso de agora? Que me importa que tudo passe se contigo me perpetuo neste instante? Que me importa o mistério se contigo me sinto já resposta? Falar do além é ser triste aqui. É não acreditar no teu sorriso.

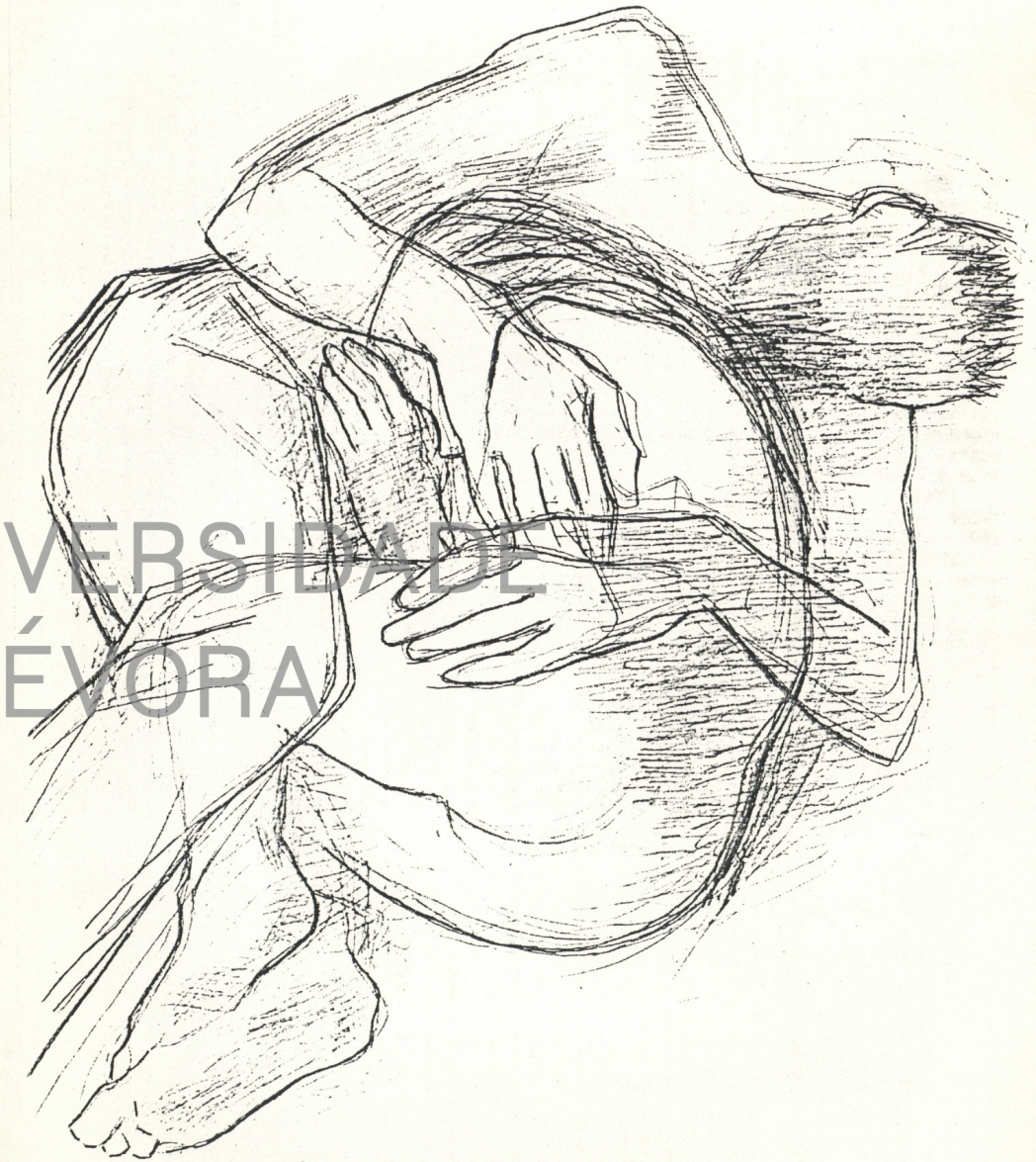
Sim, meu amor, estamos outra vez nus na noite. Lúcidos e nus. E partimos. E navegamos para longe. Para muito longe. Para dentro de nós.

Em noites frias e chuvosas como esta, gosto de me aninhar entre as tuas pernas como um gato. De fazer amor às escuras; aprender a decifrar os teus enigmas sem usar os olhos, apenas com as mãos e com os lábios. Gosto de te percorrer, lento, com a língua. Demorar-me nos mais cálidos esconderijos do teu corpo. Beber-te em cada instante. Sorver-te com suavidade. Cheirar-te poro a poro. Reter na memória todos os cheiros que em ti moram, porque todos os cheiros são bons quando se ama; só o amor tem o poder de os transformar em perfume. Depois dizer-te ao ouvido coisas perversas. Enterrar-me nas tuas terras, feroz e duro. Arder contigo numa fogueira de sussurros e gemidos. Ser contigo: primeiro guerra, para depois, juntos, sermos apenas paz, silêncio, serenidade.

Mas sei que hoje estás calma e o desejo não habita o teu corpo. Por isso, deixa-te assim ficar contra o meu peito: tranquila, recatada, como uma menina mergulhada em histórias de cristal. Lá fora a cidade dorme, o mundo dorme, o universo dorme. Escutemos somente a chuva. A sua recôndida melodia. O que é a felicidade senão a intimidade deste momento? Anda. Segreda-me essa certeza. Essa única certeza. É tudo o que eu quero saber. Foi tudo o que sempre sonhei saber.

Gonçalo Salvado

Desenho de MacAvoy



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Desenho de Lima de Freitas

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

VERÃO DE 1982

Fui à janela do quarto mas de nada me serviu tentar mergulhar no sossego da noite. Toda a minha calma ardeu nos meses que se passaram, desde que as minhas mãos nunca mais sentiram a leve carícia das tuas, ternas, pequenas, porcelanamente frágeis.

Se soubesses como em todo este tempo os dias caíram abraçados às horas cansados de tanto me verem procurar-te. Procurar-te logo que nos separámos, pois voltei à praia no fim-de-semana seguinte, quando os teus olhos eram ainda uma menina a passear descalça nos meus e a minha boca conhecia apenas as tuas palavras, palavras brancas que ninguém ouvia cintilar. Mas nessa manhã a areia pertencia já ao coração de Setembro e tu acabaras de partir, leve de silêncios, porque contigo partiam também as nuvens e as palavras. Lembro-me que a praia me pareceu enorme — quando outrora cabia toda em minhas mãos — e fiquei a olhá-la até anoitecer, até que a água do mar me enchesse os olhos e a menina — o único que de ti me ficara — fizesse um barco do teu nome. Um barco que se afundou, gasto e enfraquecido de viajar para os meus lábios chamando-te. Depois, veio o Outono. E num dia apanhei todas as folhas das árvores da rua, na esperança que nelas permanecesse ainda algum fio do sol de Agosto, só para me lembrar da tua face quente, abandonada na fala nocturna das estátuas. Mais tarde, a noite transformou-se num leito de desejo e comecei a esperá-lo com as pálpebras ávidas de sonho e os dedos tecidos de carícias frescas. Então apareceu-das. Às vezes um pouco transfigurada porque tudo tremia à tua volta. Vinhas em cavalos brancos e azuis ou em rios que nasciam da música de corais. E, sobre uma nuvem, o teu ventre e a minha boca eram um oásis de uma rosa. Uma rosa que fazia com que a noite fosse um único e breve instante.

Meu amor, só agora me apercebo que esta longa noite está prestes a amadurecer claridade. Queria perguntar-te tantas coisas pequenas e simples... Ainda conservas aquele vestido branco e amarelo que usaste no dia em que nos conhecemos? Se assim for, pede-lhe desculpas por mim. Foram tantas as vezes que desejei que ele nunca tivesse existido na tua pele... Olha, o ar ainda me fere o rosto, mas lá fora o sol já é círculo recente no céu. Agora, pela janela, estou a ver o seu primeiro raio a embriagar a cor de uma borboleta e, a pouco e pouco, a incendiar a sua nudez perto de uma árvore, tatuada de polén e distância. Não sei porquê, o teu sorriso regressou-me aos lábios. Tenho a certeza que é o Verão que vai chegar. tanto o esperei... Talvez ele possa oferecer-me de novo o teu corpo, em troca desta primavera que me morre, adolescentemente, nas mãos.

Gonçalo Salvado

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Arquivo
FB 2
01.3044.01

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

POEMA DO AMOR DEMAIS

Não me olhes assim,
tão no fundo dos olhos.
Amo-te tanto
que até de mim próprio tenho ciúmes.

Gonçalo Salvado

Desenho de Julio

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Arquivo
01.304.01

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

OS BANCOS PÚBLICOS

Penso no banco de jardim, onde tantas vezes, sentados, contemplámos as tardes a adormecerem-nos no colo. Foi para nós o primeiro sítio onde pudemos viver mais perto do sol. Mas nem para todos os namorados os bancos têm qualquer significado. E falo-te daqueles rapazes que se amam, daquelas raparigas que se desejam, daquele adulto apaixonado por uma criança, daquela mulher que todos os dias recebe o adolescente tímido e de gestos trémulos. Neles, o amor continua a ser um segredo. E tudo por culpa daquelas pessoas que ainda hoje se recusam a acreditar que à luz do amor todas as nuvens são brancas. Essas pessoas, quase sempre, vivem da triste lembrança das águas e já não sabem sorrir. Mas mesmo assim, no mais profundo delas, por mais escondido que esteja, sempre mora um imenso roseiral ou uma dessas praças de uma grande cidade onde os pombos aprendem a brancura das nuvens. Às vezes, entramos dentro das pessoas para procurar isso mesmo. E basta-nos apenas ser a alegria que lhes falta, para de súbito, surpreendidos, ficarmos os dois a olhar para as nossas mãos, cobertas de rosas e de pombos brancos...

Amar, mais que tudo, é descobrir jardins onde parece só existirem desertos.

Gonçalo Salvado

Desenho de Julio

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Arquivo
01.3d4.01

SOMOS ADOLESCENTES O NOSSO AMOR É BRANCO

É o instante. O instante em que me deito e olho para as rosas bordadas na almofada desprendendo silêncio e calma. O instante em que a madrugada chega e as rosas dão outras rosas e um jardim nasce sobre o branco da coberta. É o instante em que te espero, escondendo as minhas mãos no interior do jardim como um lago. Um lago de água fresca, pois tu és ainda cisne, seda branca em chamas por acariciar.

Só na madrugada o céu é luz recente e o branco acorda e só no branco te consigo amar em segredo. Foi por isto que ontem convidei-te a vires à minha casa, ao meu quarto, a esta hora quando todos dormem, porque o meu quarto é branco, como és tu, como sou eu. Mas por alguma razão ou por aquelas que já conheço não pudeste vir.

Ambos sabemos que lá fora nos podemos amar como aqui. E, é verdade, quase que noutro dia fizemos amor naquele campo. Lembras-te? Mas para quê? Se temos continuamente de andar a fugir de tudo e de todos. Se nos temos de esconder em sítios que nem sequer nos pertencem, sítios, onde a luz nunca mergulhou. Quando aqui, sem ninguém ver, nos podemos despir nas longas e brancas planícies das nuvens que vão entrando pela janela.

Olha, em nós a música é branca. E tenho a certeza que cada palavra que agora me possa partir da boca será escutada atentamente por ti. Pois bem sabes que procuro sempre aquela pequena, aquela que não fere, a que tem dentro de si cântico, branco cântico, apenas.

Poderei começar por dizer-te que talvez aquilo que sintas com mais fervor seja medo. Se é isso realmente, eu também o sinto. Um medo que começou por ser vergonha. Vergonha de nos mostrarmos por completo, quando ainda pouco ou nada nos conhecíamos, quando costumava perguntar-te quais os leitos do teu corpo onde gostavas mais que te tocasse, quando tu sorrias trémula, sem saber ao certo o motivo da minha pergunta, quando tentava explicar-te que ignorava onde corriam em ti os rios mais frágeis e os mais perfumados, onde os meus dedos podiam ganhar cor e forma. Mas isso pertencia-nos. E o que não compreendo agora é por que o medo se tenha transformado em angústia. Uma angústia que nem nasceu de nós, mas dos outros. E falo-te em especial daqueles que nos são íntimos, que fazem parte de nós, os nossos pais.

Falo-te da minha mãe. Das muitas e profundas conversas que tenho com ela sobre tantas e variadas coisas. Mas, quando tento contar-lhe tudo aquilo que sonhamos e queremos realizar, parece-me que lhe falo em algo interdito, quando já julgava que não havia nada que não pertencesse ao sol. É então que lhe faço ver que nada em mim mudou. Que continuo a acreditar que os pais têm os filhos da mesma maneira que têm as flores. Que existe uma borboleta que percorre o corpo do homem e dele recolhe polén para colocar sobre o da mulher. Mas parece-me que foi ela que deixou de acreditar em tudo isto...

Os meus pais dizem-me que há certas coisas que não podem ser feitas na nossa idade. Uma idade onde surge um amor que dura pouco, um amor que morre com o tempo. E falam-me de um verdadeiro amor, um amor que nunca morre, um amor adulto e eu não sei o que é isso. Mas eles podem ter razão. Sim, o nosso amor pode durar cinco anos, dois anos, um mês, um dia, quem sabe... Mas que será melhor? E como compreendê-los? Como compreender um amor que faz dos anos, dos meses, dos dias e até das horas um viver sempre igual. Como compreendê-los, se à noite chegam a casa e adormecem sem sequer se terem tocado. Como compreendê-los, se outrora, o domingo à tarde era o dia em que precisava de bater à porta do quarto deles para entrar e aguardava a sorrir, porque do lado de dentro sorriam também. E hoje, a porta está sempre aberta. Não choram, mas neles, a tristeza é já árvore.

Assim, os dias vão-se passando como frutos sem sabor. Dias em que envelhecer é já a realidade da morte. Mas nada fazem para que a alma continue sempre à flor da pele, pronta a partir feliz, para ser núvem, céu azul ou alguma gota de água, pronta a abandonar o corpo que morre também feliz, para ser duna, planície, ou apenas rosa. E a única esperança que lhes resta continua a ser os olhos de Deus. Olhos, que nem sempre são os mais límpidos, os mais seguros, os mais transparentes e os mais belos.

Por que viverão assim? Se lhes bastava com prolongarem e não se esquecerem daqueles instantes em que são verdadeiramente felizes. Quando o meu pai olha para a minha mãe com suave ternura. Quando na sua voz as palavras são de novo adolescentemente cantadas. Quando na minha mãe renascem os gestos de quando tinha quinze anos. Bastava apenas isto, só isto, para tudo voltar a ser novo e branco, outra vez.

Creio que é hora de acabarmos com o nosso medo. De me deixares ser rosa em ti, rosa branca. Tudo o mais não interessa. Amo-te. Somos adolescentes e o nosso amor é branco. Agora, não pode haver nada que nos impeça de sabermos que tudo se move lentamente, de sermos nós a modelar a luz, a dar-lhe forma de cidade, a dar-lhe vida. Porque nós somos a vida. A branca vida.

Castelo Branco, Novembro de 1983

Gonçalo Salvado

Desenho do autor

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Arquivo
01304.01

O SILÊNCIO

As pessoas não gostam do silêncio, têm medo do silêncio, odeiam o silêncio. Às vezes, são capazes de falar ruidosamente, horas seguidas, de coisas completamente insignificantes, imbecis e estúpidas. Para elas, o barulho é sempre sinónimo de alegria e o silêncio é sempre sinónimo de tristeza. Não há dúvida: as pessoas não suportam o silêncio.

Somente os amantes gostam do silêncio, compreendem o silêncio, aceitam o silêncio, acarinham o silêncio; porque sabem que é no silêncio e entre o silêncio que se podem dizer as únicas palavras que na verdade importa serem ditas. Estas: "Amo-te, meu amor."

Gonçalo Salvado

Desenho de Carlos Lança

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Arquivo
478
01.3044.01

NOITE SEM LUA E SEM TI

A esta hora da noite já te julgam a dormir. Porém, só eu sei que ainda não adormeceste apesar de teres as luzes do quarto apagadas. Sei que pensas em mim como eu penso agora em ti. Sei que neste preciso momento muitas lembranças percorrem-te toda a pele e, em segredo, por debaixo dos lençóis, deslizas as tuas mãos por todo o teu corpo para lhe dares tudo aquilo que te pede. Quando estamos separados um do outro, gosto de imaginar a maneira como dás prazer a ti própria, de imaginar cada movimento dos teus dedos, com que força penetram na tua própria carne, a que ritmo a excitam e a oprimem. Às vezes tenho ciúmes das tuas próprias mãos. Tenho tanto medo que elas te dêem mais prazer que te dão as minhas... E fico a inventar mil maneiras de ir ter contigo. Seria tão bom se agora, neste mesmo instante, pudesse fechar os olhos e quando os abrisse estivesse ao teu lado a aquecer-te e a acariciar-te. Mas isso é impossível, eu sei. Talvez um dia, quem sabe. Tudo é possível quando se ama. Uma vez, contaram-me uma história de dois amantes que quando estavam separados eram capazes de comunicar, um com o outro, por telepatia e quando adormeciam encontravam-se sempre que queriam nos sonhos que tinham. Parece mentira mas talvez seja verdade. É tudo tão confuso nesta vida e sabemos tão pouco dos nossos próprios mistérios... Sim, somos ainda muito limitados. Mesmo que o nosso coração nos transcenda e vá das paredes, só conseguimos estar onde está o nosso próprio corpo. Por isso, nesta fria noite de inverno, nada mais posso fazer senão deitar-me ao lado da tua fotografia e contentar-me em acreditar que o tempo que parou no teu sorriso é somente a felicidade a tornar-se eterna.

Boa noite, meu amor. Dorme bem.

Gonçalo Salvado

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Desenho de Cipriano Dourado

UNIVERSIDADE DE EVORA
Arquivo
78
0103.04.01
P

Desenho de Cipriano Dourado

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

NOVO GENESIS

Ser homem é ser Deus pelo sonho da definitividade

Vergílio Ferreira

Houve um tempo em que não havia fronteiras entre o céu e a terra e os homens viviam juntamente com os deuses.

Era uma vez um homem solitário que morava numa pequena casa à beira de um rio. Esse rio era um rio especial pois era o rio preferido dos deuses. Todas as noites, os deuses banhavam-se e nadavam nas suas águas apesar de serem perigosas.

Um dia, ao acordar, o homem ouviu gritos de socorro vindos do rio. Era uma criança que estava quase a afogar-se. O homem rapidamente correu em sua ajuda, mergulhou sem medo no rio e conseguiu salvá-la. Tão satisfeitos ficaram os deuses que decidiram conceder ao homem, como recompensa, a realização de um desejo. Chamaram-no e perguntaram-lhe:

— Que desejas tu como recompensa? Ouro? Um palácio? Ser rei?

E o homem humildemente respondeu:

— Dai-me apenas uma mulher que saiba amar.

Os deuses olharam-se entre si com um olhar irónico, riram do homem e disseram-lhe:

— O teu desejo será concedido.

E de repente surgiu ao lado do homem uma mulher. O homem olhou para a mulher, sorriu. A mulher olhou para o homem, sorriu também. E partiram os dois juntos em silêncio.

Enquanto os dois se afastavam os deuses riram outra vez do homem, troçaram dele e chamaram-lhe ingénuo; pois, por mais que tentassem compreender, não entendiam porquê esse homem, podendo ser rico, podendo ser rei, tinha escolhido apenas como recompensa uma simples mulher. E continuaram a rir e a troçar dele.

Porém nenhum deles viu que esse homem pedira muito, nenhum deles viu que esse homem pedira tudo, nenhum deles viu que esse homem deixara de ser um simples homem para ser também um deus.

Um Deus tão grande como eu me sinto agora com o teu amor.

Gonçalo Salvado

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Arquivo
01-3604-01

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Arquivo FG 9
01.304.01

De poetas está o mundo cheio

O meu avô José, pai de minha mãe, era um homem de que ninguém gostava. Muitos diziam que era um explorador, um velho maldoso, um avarento, um autêntico retrato de Scrooge, aquela personagem tão conhecida de um conto de Dickens, mas sem a esperança de um final feliz. Com isto, fui crescendo e construindo a sua imagem com as leves recordações da minha infância que também não lhe eram benéficas. Lembro-me que quando o íamos visitar, enquanto a minha avó ficava feliz por nos ver, ele recebia-nos com o ar arrogante com que era conhecido, pouco ou nada nos falava e, como sempre, passava a vida fechado, escondido de todos, na sua sala-escritório, a contar o seu dinheiro, ou dava longos passeios solitários pela sua quinta. Até que cresci um pouco mais e comecei a ver as coisas mais profundamente. Viajei, então, ao seu passado, na idade em que minha mãe deixara de ser adolescente. Nesse tempo, os casamentos faziam-se por conveniência. E o meu avô tinha já arranjado um noivo para a sua filha: um rico industrial. Marido para ela e seguidor do seu negócio de peles. Mas só minha mãe sabia o verdadeiro rumo que daria à sua vida. Estava apaixonada pelo meu pai, estudante e poeta, e queria casar-se. «De poetas está o mundo cheio», dizia-lhe sempre o meu avô em tom de arrogância. Desde aí, o ambiente de casa tornou-se insuportável. Um dia, os meus pais, fartos e cansados, decidiram-se mesmo casar. Meu avô apenas disse a minha mãe: «Parte. Mas não contes nunca comigo para nada!» A vida de meus pais, como a de qualquer fresco casal, foi construída com grandes dificuldades económicas. Dificuldades que eram agravadas cada vez mais pelo nascimento de três filhos doentes, excessivamente necessitados de médicos e medicamentos. Meu avô, mesmo sabendo de tudo o que se passava, nunca os ajudou em nada, e foi isto que sempre doeu a meus pais. Mais tarde, estando nós um pouco mais crescidos e os meus pais com uma vida melhor, decidiram começar a visitar o meu avô para que pudesse ver os netos. Mas por mais que o tempo cubra por completo os olhos das pessoas, o coração sempre guarda feridas por fechar. E assim aconteceu na minha família: o meu pai nunca lhe perdoou e o meu avô morreu, levando dentro de si um imenso ódio a todos os poetas.

Passaram-se uns anos. Um dia, estando a minha mãe de visita à minha avó, entrou na sala-escritório, onde outrora o meu avô passava a sua vida e sentou-se na sua secretária. Abriu, sem pensar, uma gaveta. Nela encontravam-se objectos pessoais do meu avô: canetas, blocos, papéis de negócios e carteiras antigas. O que atraiu a atenção de minha mãe foi uma carteira com as iniciais do nome do meu avô porque lha dera ela, sendo ainda adolescente, num dos seus aniversários. Admirou-se por ele ainda a ter conservado. Dentro, encontravam-se apenas fotografias. Fotografias de quando a minha mãe era adolescente, fotografias do casamento, fotografias dos três netos ainda crianças. Todas elas gastas de tanto serem tocadas. Gastas de tanto serem olhadas... Nessa noite, os olhos de minha mãe encheram-se de água.

Meu avô, de quem nunca tive um colo aberto para receber uma carícia, um afago, nem somente um sorriso. Amo-te. E falo-te hoje, sem medo, para te dizer que estou feliz apesar de chorar, que limpo depressa os olhos e mostro as mãos à já ténue claridade do entardecer, para que nela possa ainda nascer um arco-íris e assim ser um dia possível o nosso encontro. Falo-te no meu quarto de nuvens brancas, nesta casa onde lentamente me faço homem por estar cheia de poesia, nesta casa que amo mais que a meu próprio corpo, por ser o corpo de toda a minha família, para te dizer que nasceram mais dois poetas para encher o mundo: a minha irmã e eu. Digo-te isto sem nenhum receio, meu avô, porque agora, todas as noites deixo o meu coração adormecer muito longe daqui, lá na tua casa, por cima da tua secretária, onde outrora, triste e em segredo, olhavas as nossas fotografias. E fazias, sem o querer, poesia. Eras também poeta sem o saberes.

Gonçalo Maria Forte

Renoir

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Arquivo FCB | 01.304.02

Estimado Cruzeiro:

Sinceramente não sei com que palavras devo começar...
Não sei se tenho coragem de lhe pedir as minhas maiores desculpas de não ter respondido logo á sua maravilhosa carta. Deve pensar que sou o maior desinteressado, mas pode crer que não o sou.

Aquele pequeno papel continha o que um jovem que se interessa por Surrealismo sonhava possuir. Fez com que eu continuasse e não parasse, que mostrasse o que estava dentro de mim. Os meus Monstros, as minhas paisagens interiores, coisas e formas que sempre permaneceram em mim mas que eu nunca tinha tido coragem de pegar na caneta e retrata-las com tanto afecto. Para algumas pessoas os meus desenhos são simples desgraças artísticas, mas para mim é um bocado de carne porque faz parte de mim. Segui os seus preciosos conselhos e tenho desabafado revoltas e ódios no meu Poço. Fiz amizades com mim próprio. Crio verdadeiros amigos, aqueles que me adoram por ser o seu Criador. Quanto ao seu maravilhoso Livro que me enviou li-o mesmo abrir e fechar de olhos". Conhecia pouco a poesia de Ramos Rosa só de algumas Verticais e Colóquios e de um livro "A Pedra nua".

Estive aí, (nessa "floresta de tijolo") no passado mês e passei pela S. Mamede para ver a exposição de Mário Cesariny. Para ser franco não gostei. Conhecia mal a pintura de Cesariny (resumindo tal como Breton sou um amadorista cultural) Daquilo que já li de poetas surrealistas Portugueses os únicos que me agradaram foi a poesia de Cesariny e a de António Maria Lisboa. Desculpe incomoda-lo mais uma vez lhe peço que siga - Quanto ao jornal que lhe envio pouco tenho a dizer, além das minhas desculpas de não ter contactado consigo primeiro antes de publicar o artigo e de reproduzir o seu desenho. Fiquei tão intusiasmado com a ideia de publicar um artigo sobre o Cruzeiro que nem me deu tempo de raciocinar. Mas espero que o Cruzeiro me desculpe pois a ideia foi só de o satisfazer.

Mandar-lhe-ei o próximo número do jornal. Vou publicar Poemas e desenhos meus. É uma aventura e um sonho que tenho de realizar.

→

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Os últimos acontecimentos culturais na "aldeia" - exposições de António Carmo, Carlos Lança, Mário Silva. Vários concertos, ~~[illegible]~~ conferências e uma inauguração de um solo paleolítico único na península!!!!

Acho que por agora já chega. Agradeço este tempo que me dedicou.

Do seu fiel admirador

Gonçalo Forte Salvado

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Av. Nuno Álvares, 4-A, 3.º
6000 Castelo Branco

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

01.304.02

Para
António Manuel Gonçalves Cruzeiro Seixas
Rua da Rosa, 152, 3.º D
1200 LISBOA